

JOGO DE LIMITES

SONIA SALCEDO DEL CASTILLO

Não lembraria a circularidade do Mac de Niterói não fosse a vidraça. Curiosa sensação legada pela expografia de *Fôlego*. Jogo intencional, como a dubiedade de limites entre o museu e os objetos-imagens assinados por Martha Niklaus e Suely Farhi. Círculos e tipos humanos montados segundo abstração arquitetural expositiva, confundindo nosso sensorio, antes por integrarem do que vencerem as relações sujeito/objeto, imagem/poesia, arquitetura/paisagem.

Não lembraria a monumentalidade museal não fosse a Guanabara. "Céu de destinos (...) encadernados em tomos", mas também "fôlego... ilhas de estórias". Assim como Maria Moreira, visualizo "confiança nos limites em fluxo", ao pensar em *Fôlego*. Ou elos fluidos abordando o espaço museológico, mediante colecionismo e arquitetura. Dois conceitos repetidos em escalas e composições diferentes, abrandando fronteiras espaço-temporais, quimeras e utopias, através da Guanabara. Do chumbo da rede tecida por Martha, às borbulhas dos vídeos de Suely, a realização das artistas circulou em torno da paridade classificação/salvação.

Não lembraria a museofilia não fosse a poética humana. "O corpo é a escala", anuncia Maria. Ou é a bolha, questiono. Importa o conjunto poético criado em cores, formas, palavras, significados e ações referentes. Assim: carta celestial, céu de gente, caleidoscópio humano, estrelas, rosáceas, rosas dos ventos... Múltiplas caras e direções identificáveis nos dois *Observatórios* e na *Captura* de Martha, por meio de lunetas ou aparato fotográfico que, conforme momentânea cromática, torna a todos catalogáveis como em seu livro de tipos humanos *História ilustrada de peixes iscas e anzóis*. Enquanto ela lida com a memória (relaciona lógica museal a Debret) e Suely lança salva-vidas à amnésia coletiva (questiona o projeto moderno como salvação social), *Fôlego* sentencia: o museu necessita lembrar o que a memória deseja esquecer.

Não lembraria a magnificência do entorno não fosse o vestígio da ação. Como nos vídeos *Boys e bóias* e *Beyus e bóias*, bolhas, borbulhas, glup... Anéis, círculos, argolas, arruelas "abobóias", bóia-pelúcia, bóias-poemas... Remeto ao esforço do poeta arremessando do museu versos ao mar. SAL DAS DÁDIVAS inscrito na bóia, assim, ainda se infinitiza... Igualmente SALDA DÍVIDAS e VIVA DIA A DIA se eternizam no tempo. Impressos em camisetas vestidas por artistas e participantes, desenharam inevitável ponte entre o mundo e o museu, rampa vermelha abaixo. Reversos, salvamento e salvação... No ir e vir de gente e maré, ações poéticas aglutinadoras de fronteiras móveis sensibilizaram horizonte entre o mundo e suas várias camadas, como rastro de nossa escassez e/ou estupidez. *Fôlego*: reflexão. Melhor, posição plástico-poética coletiva. Mais precisamente: obra.



DIVULGAÇÃO

A mostra *Fôlego*, com intervenções de Martha Niklaus e Suely Farhi no Mac-Niterói, foram registradas em vídeo

Fôlego lançamento do vídeo da exposição exibida no Museu de Arte Contemporânea de Niterói e mesa-redonda com Sonia Salcedo del Castillo e Maria Moreira | dia 27/06 | 16h | Auditório do MAC-Niterói